



ANAIS do 34º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Ouro Preto SP, 13-18 de junho de 2017 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 34º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/34cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

LA SALVIA, E. S.; PANUNZIO, R. S.. Abrigo do Forro Negro, município de Arcos, Minas Gerais – um abrigo cemitério. In: RASTEIRO, M.A.; TEIXEIRA-SILVA, C.M.; LACERDA, S.G. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 34, 2017. Ouro Preto. *Anais...* Campinas: SBE, 2017. p. 527-536. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais34cbe/34cbe_527-536.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

A publicação dos Anais do 34º CBE contou com o apoio do Instituto Brasileiro de Mineração. Acompanhe a cooperação SBE-IBRAM em www.cavernas.org.br/sbe-ibram

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.
Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br



IBRAM 40 anos
INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO
Brazilian Mining Association
Câmara Mineira de Brasil

ABRIGO DO FORRO NEGRO, MUNICÍPIO DE ARCOS, MINAS GERAIS – UM ABRIGO CEMITÉRIO

FORRO NEGRO ROCKSHELTER IN THE ARCOS CITY, MINAS GERAIS – A BURIAL ROCKSHELTER L

Eliany Salaroli LA SALVIA (1); Renato Saad PANUNZIO (2)

(1) Arqueóloga coordenadora da Arkeos Consultoria Ltda, Ouro Preto MG.

(2) Mestrando no MAE-USP, estagiário do Laboratório de evolução humana-USP, São Paulo SP.

Contatos: likalasalvia@gmail.com; arkeosconsultoria@gmail.com.

Resumo

Este artigo tem por finalidade apresentar os vestígios encontrados na escavação realizada no Abrigo Forro Negro, localizado no município de Arcos/MG e inserido em área sob licenciamento ambiental da Empresa de Mineração Pró-Calcário (PROCAL). Trata-se de uma pequena gruta com uma peculiaridade notável: sedimentação pulverulenta em seu pequeno salão de entrada. Como parte de um processo de licenciamento em sua fase de ampliação de mina, este abrigo, como assim é conhecido na região, foi objeto de uma escavação. A princípio, em fase de Diagnóstico Arqueológico, realizou-se apenas uma sondagem para averiguar em subsuperfície a presença humana pretérita ou não, já que nesse sedimento pulverulento não havia vestígios arqueológicos em superfície. Nesta sondagem, evidenciou-se ossos humanos dispersos na sedimentação pulverulenta, levando a um salvamento arqueológico. Realizou-se, então, duas campanhas entre 2015 e 2016 que evidenciaram quatro enterramentos. As datações ainda não foram recebidas, mas, de acordo com as análises bioarqueológicas, parecem pertencer a um mesmo grupo.

Palavras-Chave: sítio arqueológico; cavidade natural; enterramento.

Abstract

This issue aims to present the archaeological remains found in the excavation conducted in the cave Abrigo Forro Negro, located in the county of Arcos/MG and inserted into an area under environmental licensing of Mining Company Procal. This is a small cave with a remarkable peculiarity: powdery sediment in his small entrance. As part of a licensing process in phase of expansion of mine, this shelter, as it is known in the region, was the subject of an excavation. At first, in phase of archaeological diagnostic, executed only a survey to investigate in sub surface the human presence past or not. In this survey, it was found human bones, some scattered by the powdery sediment, which led to a rescue archaeological. In subsequent campaigns were being evidenced four human burials. The archaeological datings have not yet been received and in accordance with the analyzes bioarchaeologicals, seem to belong to the same group.

Key-words: archaeological site; cave; human burials.

1. INTRODUÇÃO

O Abrigo Forro Negro é uma pequena gruta com um salão na sua entrada e dois pequenos condutos em zona afótica. De teto baixo e de cor negra (devido à presença de magnésio na rocha), sua superfície é tomada por um sedimento pulverulento, sem nenhum outro tipo de vestígio em sua superfície. Porém, para averiguar se havia algum vestígio arqueológico, primeiramente, delimitou-se uma sondagem em área central do salão e, com 10 cm de escavação evidenciou-se os primeiros ossos humanos (Figura 01).

Esta situação implicava a realização de um resgate arqueológico, independente das surpresas que poderiam ocorrer. De posse da autorização de pesquisa emitida pelo IPHAN, duas campanhas foram realizadas. A primeira evidenciou dois

enterramentos – de um adulto e de um indivíduo sub-adulto. Porém, no decorrer da escavação constatou-se que havia ossos “sobrando”, daí a segunda campanha, quando então mais um adulto e um neonato foram encontrados.

No contexto pré-histórico, os ritos funerários despertam para questionamentos acerca da crença em vida pós-morte. É sabido em civilizações antigas e clássicas, como entre os egípcios, a crença na vida pós-morte. E, justamente, por esse exemplo, que ao se defrontar com enterramentos humanos pré-históricos com uma cultura material associada induz a pensar que as práticas funerárias podem indicar a crença na continuidade da vida pós-morte, simbolizadas de forma dominante com a posição fetal, pois, assim o homem renasceria nos braços da mãe terra (CARVALHO 2001).

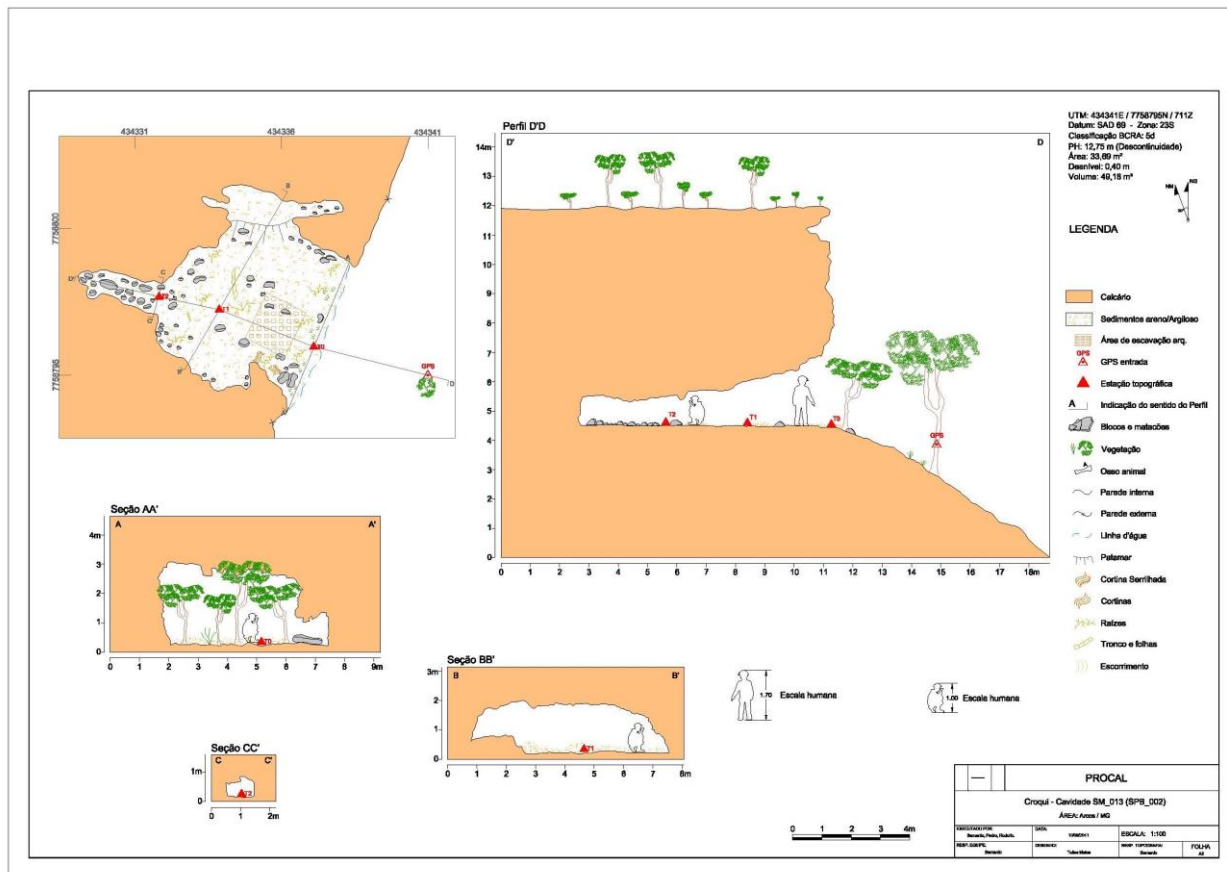


Figura 1: Planta Baixa do Abrigo Forro Negro, Arcos/MG.

Conforme coloca CASTRO (2009), se os rituais estão ligados às ações sociais, eles também servem para transmitir conhecimentos e valores coletivos; na visão da autora, considerando os rituais funerários como ritos de passagem, os sepultamentos são ocasiões especiais, onde o grupo reelabora, reafirma suas crenças, seus valores, memórias e crenças.

Com a cultura material presente nos rituais funerários é possível observar indicadores sociais, acrescidos à análise desses artefatos enquanto objetos confeccionados a partir de matérias-primas distintas, além das variáveis que envolvem o esqueleto, sejam na sua forma de deposição ou na própria morfologia. Para Silva (2005), esses objetos que foram depositados no túmulo ou sobre ele podem diferir ou não de acordo com o sexo, o *status* social, entre outros (SILVA et al. 2014).

Para Bard (apud SILVA, 2007, p. 138), os acompanhamentos funerários, artefatos, podem ser indicadores da função do indivíduo ou um resultado de sua autoridade dentro do grupo (SILVA et al 2014).

Os vestígios orgânicos (flores, peles, etc.) são dificilmente preservados, enquanto que ossos e

dentos de animais, conchas, líticos e cerâmicas são mais resistentes aos processos do tempo, por isso mais comumente encontrados junto aos sepultamentos. (CARVALHO 2001).

Além da interpretação à luz da cultural material que faz parte de um rito funerário, a antropologia que estuda os grupos indígenas remanescentes vem contribuindo com a identificação e registro de práticas funerárias. Com os dados etnográficos informações relevantes são obtidas proporcionando uma melhor compreensão quanto ao envolvimento dos grupos, refletidos através de sua cultura material, preparação do indivíduo ou da cova, tipo de sepultamento (primário, secundário, indeterminado), posição, localização no sítio, etc. (SILVA 2015).

Para BINFORD (1972) o estudo das práticas funerárias sugere formas e tratamento diferenciado, a partir de quatro variáveis principais: sexo, idade, parentesco e status. Estas variáveis ainda podem ser combinadas com outras de menor importância dada à heterogeneidade de cada realidade dentro dos grupos. Para o autor, quanto maior o grau de status do indivíduo, proporcionalmente será o envolvimento da comunidade nas práticas mortuárias.

2. METODOLOGIA

A escavação arqueológica seguiu a técnica de decapagem natural através de sondagens. No início, a finalidade da sondagem era apenas averiguar a existência ou não de vestígios arqueológicos, por isso, optou-se por fazer a primeira sondagem em área central do salão do abrigo. À medida que mais ossos foram sendo evidenciados, as outras sondagens foram sendo escavadas.

Assim, as sondagens foram tratadas como referências secundárias e as estruturas (pedestais)

foram tratadas como uma unidade, tanto para fins de escavação como identificação e interpretação (Figuras 02 e 03).

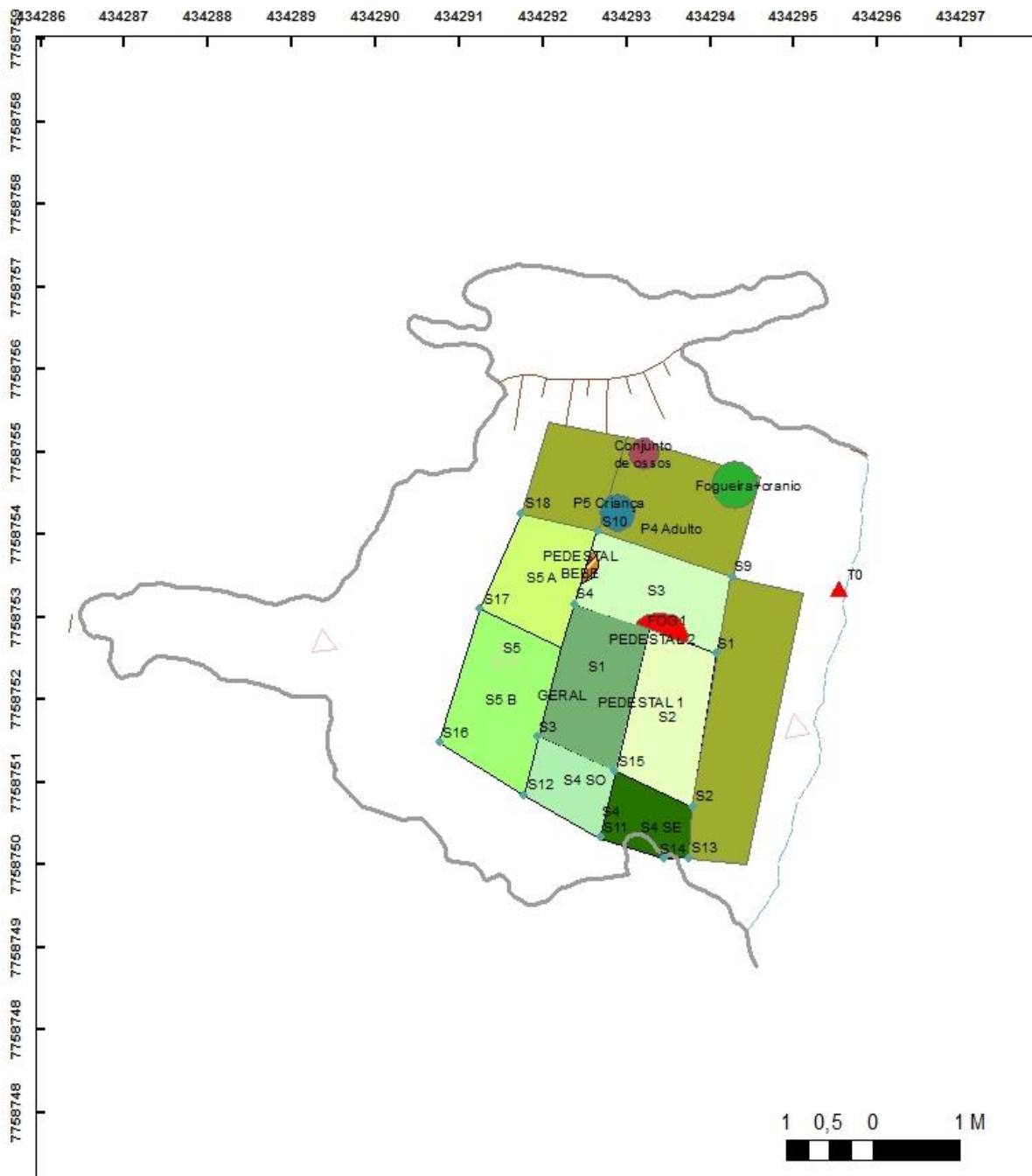
Nas sondagens que não evidenciaram vestígios arqueológicos, a técnica de decapagem foi artificial, de 5 a 8 cm.

A topografia da escavação foi feita através de bússola e tripé, posicionando as sondagens e os vestígios encontrados, assim como, croquis dos sepultamentos feitos através da técnica de triangulação.



Figura 2: Planta baixa do Abrigo do Forro Negro com a área da escavação em amarelo, campanha Janeiro de 2015. Arcos/MG.

Sondagens Abrigo Forro Negro



Legenda

- | | | |
|---------------------|---------------|-------|
| Conjunto de ossos | PEDESTAL 1 | S3 |
| P4 Adulto | PEDESTAL 2 | S4 SE |
| Fogueira+crânio | PEDESTAL BEBE | S4 SO |
| P5 Criança | S5 B | S5 A |
| Estação topografica | S2 | |
| Linha d'água | FOG1 | |
| | S1 | |
| | S15 | |
| | S16 | |
| | S17 | |
| | S18 | |
| | S19 | |
| | S20 | |
| | S21 | |
| | S22 | |
| | S23 | |
| | S24 | |
| | S25 | |
| | S26 | |
| | S27 | |
| | S28 | |
| | S29 | |
| | S30 | |
| | S31 | |
| | S32 | |
| | S33 | |
| | S34 | |
| | S35 | |
| | S36 | |
| | S37 | |
| | S38 | |
| | S39 | |
| | S40 | |
| | S41 | |
| | S42 | |
| | S43 | |
| | S44 | |
| | S45 | |
| | S46 | |
| | S47 | |
| | S48 | |
| | S49 | |
| | S50 | |
| | S51 | |
| | S52 | |
| | S53 | |
| | S54 | |
| | S55 | |
| | S56 | |
| | S57 | |
| | S58 | |
| | S59 | |
| | S60 | |
| | S61 | |
| | S62 | |
| | S63 | |
| | S64 | |
| | S65 | |
| | S66 | |
| | S67 | |
| | S68 | |
| | S69 | |
| | S70 | |
| | S71 | |
| | S72 | |
| | S73 | |
| | S74 | |
| | S75 | |
| | S76 | |
| | S77 | |
| | S78 | |
| | S79 | |
| | S80 | |
| | S81 | |
| | S82 | |
| | S83 | |
| | S84 | |
| | S85 | |
| | S86 | |
| | S87 | |
| | S88 | |
| | S89 | |
| | S90 | |
| | S91 | |
| | S92 | |
| | S93 | |
| | S94 | |
| | S95 | |
| | S96 | |
| | S97 | |
| | S98 | |
| | S99 | |
| | S100 | |
| | S101 | |
| | S102 | |
| | S103 | |
| | S104 | |
| | S105 | |
| | S106 | |
| | S107 | |
| | S108 | |
| | S109 | |
| | S110 | |
| | S111 | |
| | S112 | |
| | S113 | |
| | S114 | |
| | S115 | |
| | S116 | |
| | S117 | |
| | S118 | |
| | S119 | |
| | S120 | |
| | S121 | |
| | S122 | |
| | S123 | |
| | S124 | |
| | S125 | |
| | S126 | |
| | S127 | |
| | S128 | |
| | S129 | |
| | S130 | |
| | S131 | |
| | S132 | |
| | S133 | |
| | S134 | |
| | S135 | |
| | S136 | |
| | S137 | |
| | S138 | |
| | S139 | |
| | S140 | |
| | S141 | |
| | S142 | |
| | S143 | |
| | S144 | |
| | S145 | |
| | S146 | |
| | S147 | |
| | S148 | |
| | S149 | |
| | S150 | |
| | S151 | |
| | S152 | |
| | S153 | |
| | S154 | |
| | S155 | |
| | S156 | |
| | S157 | |
| | S158 | |
| | S159 | |
| | S160 | |
| | S161 | |
| | S162 | |
| | S163 | |
| | S164 | |
| | S165 | |
| | S166 | |
| | S167 | |
| | S168 | |
| | S169 | |
| | S170 | |
| | S171 | |
| | S172 | |
| | S173 | |
| | S174 | |
| | S175 | |
| | S176 | |
| | S177 | |
| | S178 | |
| | S179 | |
| | S180 | |
| | S181 | |
| | S182 | |
| | S183 | |
| | S184 | |
| | S185 | |
| | S186 | |
| | S187 | |
| | S188 | |
| | S189 | |
| | S190 | |
| | S191 | |
| | S192 | |
| | S193 | |
| | S194 | |
| | S195 | |
| | S196 | |
| | S197 | |
| | S198 | |
| | S199 | |
| | S200 | |

ARKEOS
Consultoria Ltda.

PROCAL - Pró Calcário LTDA
Arcos - MG

Renato Saad Panunzio
Fevereiro 2015

Figura 3: Sondagens escavadas no final da Campanha 2, Abrigo Forro Negro, Arcos/MG.



Figura 4: Vista de dentro para fora do Abrigo Forro Negro e as primeiras sondagens.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Corroborando com a ideia de STRAUSS (2010) é, antes de mais nada, importante definir o termo “sepultamento”. Essa palavra refere-se aos processos intencionais relacionados diretamente com o contexto funerário. Costumam, os arqueólogos usar o termo para designar os vestígios materiais ósseos humanos, porém, é sabido que tais vestígios não são os únicos num sepultamento, embora sejam os ossos humanos os responsáveis pela designação de um sítio arqueológico com estruturas funerárias.

Destaca o autor que, precisa-se de critério utilização do termo, pois, nem todo aglomerado de ossos caracteriza um sepultamento, isto é, não seja fruto da ação intencional do homem pré-histórico. Tanto os processos naturais como ações pós-depositivas podem alterar a posição original do indivíduo sepultado.

O sepultamento é um ato específico no tempo, onde a expectativa seria a coleta de material de um mesmo “sepultamento”, que representa evento unitário, ou ao menos uma sequência de eventos correlacionados, como é caso dos rituais secundários (STRAUSS 2010).

Para a definição de um sepultamento secundário é importante observar dois elementos fundamentais. O primeiro se refere ao lapso de tempo que ocorre entre a morte do indivíduo e o depósito de seus restos mortais; o segundo elemento diz respeito à manipulação dos restos mortais do indivíduo, ou seja, a forma que o grupo procede de acordo com a sua cultura e seus hábitos (STRAUSS 2010).

Outro aspecto da secundarização é o seu caráter de sacrifício, onde um ser ou algo só teria direito a ir ao “outro mundo” se fosse “destruído” nesse mundo. Portanto o lapso temporal que permitia a decomposição dos tecidos moles seria fundamental e definidor da secundarização ritualística (Strauss *apud* Huntington *et al*, 1979).

3.1 Resultados Obtidos

De acordo com as análises bioarqueológicas realizadas pela Dra. Andrea Lessa do Museu Nacional / UFRJ, os sepultamentos encontrados são: dois adultos e dois neonatos.

Ainda tem ossos que não pertencem a nenhum desses sepultamentos, apesar do adulto do Pedestal 1 estar sem crânio.

Os ossos do Pedestal 1 foram manipulados posteriormente ao seu enterramento. A hipótese é de que tenham sido realocados por caçadores recentes que utilizavam esse abrigo. Há uma pequena fogueira na Sondagem 3, próxima do Pedestal 2, a 50 cm do pedestal 1, com 4 a 14 cm de espessura, ossos de fauna de pequeno porte, coquinhos e carvão. Corresponde a um enterramento secundário, pois, os ossos apresentam pigmentação vermelha, sugerindo preparação antes da deposição. Os ossos do Pedestal 2 corresponde ao mesmo indivíduo, só estavam dispersos.

Outro fator que corrobora a ideia de manipulação recente são as quebras muito claras nos ossos em comparação aos outros com coloração escura devido à sedimentação acinzentada (Figuras 05 a 08).



Figura 5: Sepultamento Pedestal 1, Abrigo Forro Negro – Arcos/MG.

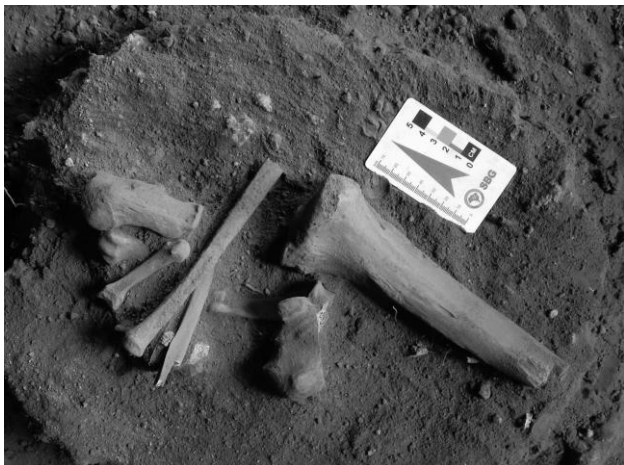


Figura 6: Pedestal 1, após a retirada dos primeiros ossos.



Figura 8: Coloração avermelhada em metade distal de fêmur direito, Pedestal 1.

A estimativa para o sexo é que seja masculino e o intervalo etário está entre 25 e 35 anos e, altura estimada em 1,62 m. As datações não foram possíveis de realizar por falta de recursos.

Os ossos do Pedestal 3 trata-se de um único indivíduo sub-adulto, com o início da exposição a 11 cm e a base a 18 cm de profundidade. Este sepultamento é do tipo primário, em decúbito dorsal com as pernas hiperfletidas, as quais se deslocaram para a direita no processo de decomposição. A coluna vertebral arqueada em “U”, os poucos fragmentos do crânio e as pernas hiperfletidas sugerem que a criança poderia estar amarrada ou envolta a um fardo. A orientação do sepultamento, apesar do arqueamento da coluna e da falta de crânio, foi estimada como sul-norte. Não foram encontrados acompanhamentos funerários ou restos de fibras (Figuras 09 a 11).



Figura 9: Pedestal 2, indivíduo sub-adulto sendo evidenciado.



Figura 7: Ossos do Pedestal 2 pertencentes ao indivíduo do Pedestal 1.



Figura 10: Pedestal 2, indivíduo sub-adulto evidenciando o arqueamento da coluna.



Figura 11: Pedestal 2, indivíduo sub-adulto, após seis decapagens.

Não é possível estimar o sexo em indivíduos sub-adultos. A idade fica estimada entre 12 a 18 meses, pois, não existem técnicas desenvolvidas para grupos indígenas brasileiros.

Observou-se uma coloração avermelhada em alguns ossos e dente, porém, não é possível inferir se é resultado de processos naturais ou ações antrópicas.

Os ossos do Pedestal 4 estavam localizados na Sondagem 06. Estimativa para o sexo é que seja masculino (Figura 12).

A estimativa de idade deste indivíduo ficou bastante prejudicada devido à ausência dos principais marcadores osteológicos. Uma avaliação preliminar, na qual não foram observados marcadores de estresse ocupacional intensos, sugeriu trata-se de adulto jovem, estimativa de idade **26 (+) anos.** (LESSA 2016).



Figura 12: Pedestal 4 – Mento apresentando morfologia provavelmente masculina.



Figura 13: Pedestal 4 – faceta costal de costela com morfologia compatível com adulto jovem.

As quebras observadas, com poucas exceções, apresentam solução de continuidade com coloração igual ao restante da peça óssea indicando tratar-se de eventos antigos (Figura 14). Estes eventos provavelmente foram os responsáveis pela desorganização anatômica em que se encontrava o esqueleto, bastante espalhado pela área escavada e sem qualquer sinal do tratamento fúnebre (posição, deposição, acompanhamentos) (LESSA 2016).

Por baixo da camada de pátina alguns ossos apresentam coloração avermelhada/acastanhada, a qual se torna mais visível e com aparência quase polida à medida que se fricciona o dedo com luva (Figura 15). Neste momento não é possível saber se todos os ossos apresentam esta coloração, ou tampouco qual foi o processo ocorrido, se tafonômico antrópico/natural ou associado ao ritual funerário (LESSA 2016).

Os ossos do Pedestal 5 devido à ausência de dentição decídua, a estimativa de idade em sub-adultos pode ser realizada com base na medida dos ossos longos íntegros. Este trata-se de um indivíduo neonato.

Material em bom estado de preservação, considerando a fragilidade normalmente apresentada em ossos de indivíduos com esta idade biológica. Diferentemente do indivíduo adulto, não houve perturbação do contexto funerário primário, tendo permanecido o mesmo em decúbito lateral hiperfletido. Tampouco apresenta pátina ou concreção como o indivíduo adulto, apenas bastante sedimento pulverulento aderido, de coloração cinza amarronzado (Figuras 16 e 17).

Este indivíduo também apresenta coloração avermelhada/acastanhada por baixo da camada de sedimento fino aderido aos ossos (LESSA 2016).

Nesta Sondagem 6, ainda se evidenciou um conjunto de ossos de indivíduo adulto. Portanto, neste Abrigo Forro negro foram encontrados três indivíduos adultos (Figura 18).



Figura 14: Pedestal 4 – epífise distal de úmero direito. Note-se o tecido trabecular exposto pela quebra e preenchido por sedimento.



Figura 15: Epífise de fêmur direito. Note-se a coloração avermelhada por baixo da fina camada de pátina cinza.



Figura 16: Escápulas do indivíduo neonato. Note-se o seu bom estado de preservação, a despeito de tratar-se de material extremamente frágil.



Figura 17: Costelas do indivíduo neonato. Note-se o seu bom estado de preservação, a despeito de tratar-se de material extremamente frágil.

Ossos avulsos de crianças também foram encontrados. Ulna (terço distal ausente) com marca de ação térmica de coloração preta; úmero direito (epífise proximal ausente). Considerando-se que as duas crianças escavadas (2015 e 2016) apresentam as metades proximais direitas e esquerdas das ulnas, e as metades distais direitas e esquerdas dos úmeros, essas peças indicam a presença de pelo mais um indivíduo, **totalizando 3 crianças sepultadas no abrigo**. Ambos parecem compatíveis entre si e estariam em uma faixa etária intermediária entre o infantil escavado em 2015 - 12 meses (± 4 meses) e 18 meses (± 6 meses) (Ubelaker 1999) - e o escavado em 2016 – neonato (LESSA 2016).



Figura 18: Úmeros direitos fragmentados de três indivíduos distintos escavados no Abrigo do Forro Negro – MG.



Figura 19: Três ulnas direitas escavadas no Abrigo do Forro Negro – MG. O Tamanho dos ossos indica ratarem-se de crianças com idades próximas, entre neonato e 1 ano e meio de vida.

4. CONCLUSÕES

De acordo com LESSA (2016) a distribuição/padrão dos sepultamentos e remanescentes escavados na primeira e na segunda campanha, a presença de duas fogueiras e a coloração atípica do material ósseo levantam interessantes questões a serem discutidas sobre processos tafonômicos, práticas funerárias, e mesmo a possibilidade de prática de sepultamento secundário no abrigo, apesar das crianças caracterizarem sepultamento primário.

A não presença de acompanhamentos junto aos sepultamentos, apenas sedimento pulverulento sobre eles, indica a presença de fogueiras, comum nos rituais fúnebres. Se havia adornos orgânicos, estes podem ter sido queimados ou mesmo decompostos.

O sepultamento do Pedestal 1 apresentou forte indícios de perturbação recente demonstrado

REFERÊNCIAS

- SILVA, J. A, CARVALHO, O. A. DE, QUEIROZ, A. N. DE. A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: arqueologia dos adornos. **Revista CLIO**, UFPE, vol. 29, nº 1, 2014.
- CARVALHO, F.L. (2001). Revista do Museu de Arqueologia Xingó, v.1, p1-4, 2001.
- BINFORD, L.R. Mortuary practices: their study and their potential. Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of Society American Archaeology**, New York, n.25, p.208-43, 1972.
- LESSA, A. Relatório Técnico das Análises Bioarqueológicas dos Remanescentes Esqueléticos Humanos Escavados no Abrigo do Forro Negro/MG. Museu Nacional, Departamento de Antropologia, UFRJ, 2016.
- Relatório Técnico das Análises Bioarqueológicas dos Remanescentes Esqueléticos Humanos Escavados no Abrigo do Forro Negro/MG. Museu Nacional, Departamento de Antropologia, UFRJ, 2015.

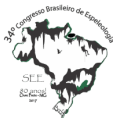
pelos quebras claras nos ossos e, seu posterior arranjo deposicional, muito confuso e sem conexões. Como havia uma possível fogueira, bem recente, na porção sul do abrigo e, informações locais acerca da utilização do abrigo por caçadores. Supõe-se que a perturbação seja decorrente dessa ação antrópica.

A presença de coloração vermelha nos ossos longos, principalmente, sugere uma prática indígena, comum entre diferentes tribos brasileiras. A região fora povoada pelos índios Cataguá, embora a literatura e os relatos históricos decorrentes da chegada do bandeirante não tenham descritos essa etnia, acredita-se que o termo tenha sido utilizado para identificar as etnias não-Tupi da região sudoeste de Minas Gerais.

Através de raros estudos linguísticos costuma-se filiá-los ao tronco linguístico Macro-Jê.

Amostras de sedimento em cano de pvc da camada final da Sondagem 7 e sedimento da fogueira-crânio na Sondagem 06 foram enviados à datação por termoluminescência (TL), mas, os resultados ainda não estão prontos. A datação destes sepultamentos possibilitará inseri-los dentro de uma cronologia cultural já estabelecida para a região em decorrência de tantos outros sítios existentes, mesmo que com vestígios diferentes.

O ritual funerário em si refere-se a vida, mas a vida em outro lugar, em outro plano. Por isso é carregado de um significado simbólico único, que acontece universalmente e pode-se dizer que a coisa mais natural do mundo está tão envolvida em significados, que acaba sendo também a coisa mais cultural do mundo.



- SILVA, Sérgio F. S. M. da. Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do estado de São Paulo. **Tese Doutorado em Arqueologia**, Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. 408f.
- SILVA, S. F. 2007. “Arqueologia das Práticas Funerárias: Resumo de uma estratégia”. **Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, n. 10,99–142.
- CASTRO, V. M. C. de. Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil. **Tese de Doutorado**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- STRAUSS, AM. As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico “Lapa do Santo”. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, 723 p. 2010.